



## Eixo: Comunidades e povos tradicionais e povos originários

### MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A HISTÓRIA DO QUILOMBO VIDAL MARTINS

Kariane Regina Laurindo<sup>1</sup>

Daniella Camara Pizarro<sup>2</sup>

#### 1 INTRODUÇÃO

O presente resumo busca apresentar a pesquisa em desenvolvimento de mestrado realizada no programa de pós-graduação em Gestão da informação – PPGInfo da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Tal pesquisa visa reunir as memórias e lembranças dos remanescentes quilombolas do quilombo Vidal Martins em um único suporte que compreenda tanto as memórias e lembranças narradas por integrantes da comunidade como as memórias contidas em documentos referidos à mesma.

O Quilombo Vidal Martins está localizado no Bairro Rio Vermelho em Florianópolis, a comunidade representa um período de resistência de homens e mulheres que foram escravizados e de seus descendentes no estado de Santa Catarina. As memórias passadas por seus ancestrais apresentam importantes fatos sobre o período de escravidão, a formação do quilombo e todo o contexto social que abrange essa comunidade bem como as comunidades que a cercam, contemplando assim aos interessados em conhecer mais sobre Florianópolis, que possibilite compreender esse período histórico através das memórias do único quilombo reconhecido pela fundação Palmares em Florianópolis.

Contudo, mesmo com o reconhecimento da primeira e até o momento única comunidade remanescente quilombola em Florianópolis a comunidade ainda tem a sua história invisibilizada perante a sociedade florianopolitana. Diante disto, para essa comunicação torna-se importante socializar alguns dados que já foram reunidos na pesquisa, para contribuir com o eixo Comunidades e povos tradicionais e povos originários, visando a importância de um compartilhamento de informações com os participantes do II Encontro Nacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas e do I Encontro Internacional de Bibliotecárias(os) Negras(os) e Antirracistas.

#### 1.1 OBJETIVOS

Como se trata da apresentação de parte da pesquisa, para o presente resumo será abordado como objetivo apresentar a narrativa oral dos remanescentes quilombolas, suas percepções, memórias e histórias do quilombo, com vistas a debater a importância da memória para a comunidade.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFMG. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação PPGInfo-UDESC..

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação (DBI /FAED) da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A presente comunicação aborda as justificativas que são tratadas no desenvolvimento da pesquisa que ainda está em trâmite. Portanto, este resumo se justifica nos âmbitos, social, profissional e acadêmico. No âmbito social por possibilitar não só a comunidade quilombola Vidal Martins, mas também a sociedade de Florianópolis e Santa Catarina, o acesso à memória de pessoas que foram escravizadas em Florianópolis, bem como, da construção de um quilombo, que hoje é uma comunidade quilombola urbana. Além do mais, há interesse nacional na pesquisa, pois conhecer a história da comunidade quilombola Vidal Martins agrega conhecimento sobre a história dos quilombolas brasileiros.

Também se justifica pela necessidade profissional de ampliar o entendimento da atuação do bibliotecário quanto ao registro e organização da memória, no contexto do combate ao esquecimento da história de comunidades quilombolas.

E acadêmica por ter pouca literatura sobre: comunidades quilombolas nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI); as questões étnico-raciais na Biblioteconomia e CI; e o combate aos privilégios de branquitude nas áreas.

A pesquisa está inserida nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que trata do bibliotecário e do uso estratégico de informação por meio do levante de registros informacionais, fontes de informação e memória além de beneficiar especificamente os profissionais e pesquisadores voltados aos estudos que englobam o trabalho informacional em diferentes cenários, como na educação e formação do bibliotecário.

Lembrando que a pesquisa está em desenvolvimento, portanto, nessa apresentação será apresentada apenas uma fração que compõe a pesquisa ainda em desenvolvimento.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Faz-se necessário informar que para a composição do presente trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os trabalhos de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, os autores são responsáveis pela organização da obra “*Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*”, com primeira edição em 1996. Essa obra é o ponto base para a produção da pesquisa em produção, devido ao responsável arcabouço teórico empregado sobre a temática quilombola trazida por diferentes autores que no Brasil começam a abordar os quilombos desde o século XVIII.

Na construção deste trabalho, foi também observado a obra de Lourdes Carril em “*Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania*” que encontrei fonte e inspiração para iniciar. É importante mencioná-los, pois uma escrita acadêmica científica não se faz solitária e sim em conjunto e é nessa lente teórica que sigo.

Brevemente serão apresentadas duas seções que compõem a construção desta comunicação, elas estão alocadas nas temáticas relacionadas às: Fontes de informação, que apresentam diferentes meios e suportes de informação; e, a seção Memória e identidade cultural, que comprehende o desenvolver dos estudos sobre memórias, memória coletiva e lugares de memória.

### 2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

Nesta seção, são empregados os estudos sobre os conceitos de informação na área da CI e a falta de um consenso sobre um conceito de informação para pesquisadores como, Araújo (2018), Capurro e Hjorland (2007) e Gomes (2017). Para esta última autora, a informação tem o sentido de ser/ter utilidade para quem a utiliza, para alguns ou em determinadas situações representam apenas dados, mas em outras demandas podem gerar conhecimento, que podem operar em caráter social.

Também é abordado na presente seção os diferentes formatos de suporte em que a informação pode ser localizada. Sendo as fontes de informação constituídas em diversos tipos de meios e formas, tais quais: documentos jurídicos, registros em imagens, e relatos de entrevistas, além das mais conhecidas como os livros, artigos e catálogos.

Paiva (2014) classifica como um exemplo às narrativas indígenas como fontes de informação de categoria primária. E Freitas (2001) que realizou um estudo sobre o negro no período colonial em Santa Catarina em documentos do arquivo público do Estado, determina estes documentos como fonte de informação.

Dessa maneira, é identificado o caráter social da informação e logo das suas fontes para a comunidade quilombola, visto que a informação é fundamental para o indivíduo. Como citam Santos e Lubisco (2019, p.366) sobre a necessidade e utilidade da informação para os indivíduos pois, “[...]os incita a ter um olhar crítico dos fatos de sua realidade, possibilitando, assim, uma incorporação, reflexão, imaginação e assimilação de conhecimentos capazes de dar significados ao desenvolvimento de suas ações ou atividades.”

## 2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL

Na busca pela compreensão sobre memória a presente seção abarca autores que a discutem como, Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), Sandra Jatahy Pesavento (2003), Jacques Le Goff (2013), Paul Ricoeur (2007), Henri Bergson (1999) e Ecléia Bosi (2003).

Compreendida a memória na construção de uma história a comunidade remanescente Vidal Martins está configurada como um “lugar de memória”, termo abordado por Pierre Nora (1993), visto que está materializada na forma de instituição que salvaguarda aquilo que deve ser lembrado, pois é preciso lembrar ao homem aquilo que ele não deve esquecer. Para o autor os lugares de memória têm a função pedagógica de exercer o papel de lembrar e evitar o esquecimento.

Assim sendo, a memória ajuda a trazer aspectos da identidade cultural e das origens. Veja que a realidade do quilombo é uma permanente construção social, como exemplo na relação da cultura religiosa da comunidade, em que, alguns são praticantes das religiões católica e evangélica e não de religiões de matriz africana. A realidade é que a comunidade está em um movimento de construção social, mas, essa construção social, não retira a identidade cultural que os tornam remanescentes quilombolas, caracterizando eles como povos e comunidades tradicionais do Brasil.

## 3 METODOLOGIA

É importante mencionar que, como pesquisadora na área da CI e bibliotecária de formação, compete a mim (e não como profissional da História) reunir a perspectiva do passado que os remanescentes quilombolas têm através das suas lembranças e memórias transmitidas na oralidade de seus ancestrais e também de fontes de informação.

A presente colaboração consiste em uma reunião de memórias e não uma reconstrução do passado do Quilombo Vidal Martins, baseada em uma metodologia com aportes teóricos para não só pensar o passado e sim fazer uma relação com o presente.

Nesse contexto, a natureza da presente pesquisa é de origem aplicada. Em relação ao problema de pesquisa, é de abordagem qualitativa, tem como procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e documental, pois, propõe-se realizar um levantamento em diversas fontes, com o objetivo de elaborar a contextualização da temática bem como seu embasamento teórico.

Como uma das preocupações desta pesquisa está relacionada no âmbito da memória e identidade da comunidade do Quilombo Vidal Martins, um dos percursos metodológicos utilizados foi através da História Oral com o método de entrevista semiestruturado, e para a análise documental e bibliográfica foi realizado através da criação de categorias.

Como a pesquisa está em produção, ela ainda não possui um resultado em discussão, desta maneira, para o presente resumo será apresentada brevemente partes das narrativas que abordam as memórias da comunidade.

Como um dos resultados a pesquisa obteve um levantamento de dados entre relatos dos remanescentes, fontes bibliográficas como artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e dissertações referentes à temática, além de fontes documentais, dentre eles a maioria são certidões de batismo e casamento, catalogo de pessoas escravizadas e notas de reportagens em jornais do século XIX, estes documentos estão disponíveis na Arquidiocese de Florianópolis, no Arquivo Público do

Estado de Santa Catarina, na Hemeroteca Digital de Santa Catarina e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, além de documentos retirados do Diário Oficial do Estado (DOE), E do Diário Oficial da União (DOU).

## 4 DISCUSSÃO

Remontar/organizar as memórias da comunidade implica em exibir fatos da história do município, fatos estes ligados também a história nacional. Pode-se dizer que o início da história da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins teve o início no século XVIII, quando uma mulher chamada Jacinta foi traficada do continente Africano para o Brasil sendo destinada para trabalhos escravos na então Desterro<sup>3</sup>. Jacinta era mãe de Joana, mulher escravizada que na sua infância trabalhou para senhores de engenho até ser vendida para um pároco local. Ainda na sua infância, aos treze anos Joana deu à luz a Vidal Martins, mais precisamente em 3 de julho de 1845. 26 anos antes da Lei de ventre livre nasce Vidal Martins pessoa que é homenageada com seu nome dado à comunidade.

Devido à condição subhumana da escravidão, Joana sendo uma mulher negra escravizada, logo teve que se separar de seu filho, pois foi vendida para outro senhor de escravos, o então primeiro padre da Paróquia de São João Batista do Rio Vermelho, Antônio Mendes Pulcheria. Joana serviu ao padre até a morte do padre, e por herança ganhou sua liberdade. Em 1850 é celebrado na mesma paróquia pelo Padre Antônio o casamento de Joana com Manuel Fonseca do Espírito Santo, ex-escravizado, que liberto trabalhava para o Tenente Coronel Antônio José Dinis. Joana e Manuel tiveram 13 filhos, todos batizados na paróquia de São João do Rio Vermelho.

Os acontecimentos na vida de Vidal Martins desde o seu nascimento até o seu casamento não foram encontrados e nem relatados, o que se sabe depois que sua mãe foi comprada é que Vidal casou-se com a costureira Maria Rosa de Jesus de descendência indígena, não se sabe ao certo o número de filhos que eles tiveram, entretanto foram encontrados quatro certidões de batismo dos filhos de Vidal e Maria Rosa, contudo, os entrevistados relatam que foram seis filhos que o casal tiveram. Vidal Martins , a data de falecimento de Vidal é desconhecida.

Os fatos que compõe a vida Vidal Martins são em sua maioria narrados por seus descendentes, os anciãos são as fontes de memória da comunidade, os irmãos Jucélia Oliveira e Odílio Martins, sendo os moradores mais antigos da comunidade são os Griôs<sup>4</sup> responsáveis por transmitir através da oralidade as memórias que compõem a história do quilombo. De acordo com a narrativa dos remanescentes Vidal Martins teria herdado as terras dos filhos de seu senhor Manuel Martins Galego, na narrativa a não perpetuação sanguínea da família dos senhores fez com que suas terras fossem deixadas para seus escravizados, que ali fizeram sua morada.

Nas narrativas os entrevistados repassam as histórias contadas a eles por seu Izidro Boaventura Vidal, neto de Vidal Martins, foi Seu Izidro que de forma magnânima fez com que as memórias de seus antepassados permanecessem vivas para seus descendentes. Foi também o Seu Izidro que amargou o momento em que ele e seus familiares foram expropriados das terras herdadas por seus ancestrais.

A expropriação da comunidade quilombola de onde hoje é o espaço destinado ao Parque estadual do Rio vermelho se dá em duas fases com início na década de 1960, quando o engenheiro florestal Henrique Berenhauser começa a empreitada florestal na região, que planeja um reflorestamento e florestamento do espaço para conter o avanço das dunas na região. O outro fato determinante para a retirada por completo dos remanescentes de suas terras ocorreu durante o golpe de 1964 quando o Estado os retirou de suas terras afirmando que a herança se estendia apenas aos ancestrais e não para seus descendentes. Neste momento alguns familiares se dispersam para outras regiões de Florianópolis, mas algumas famílias se mantêm unidas e vão residir poucos metros de onde

<sup>3</sup> Nossa senhora do desterro foi o primeiro nome da cidade que depois passou a se chamar Florianópolis.

<sup>4</sup> Queiroz (2015) descreve que nas tradições orais africanas existem representantes responsáveis por transmitir e dar continuidade a história através da fala, identificados como tradicionalistas estes são “conhecedores” ou “fazedores de conhecimento”.

moravam ocupando um espaço de apenas 900 metros quadrados na rodovia João Gualberto Soares, continuação da SC-406/Lest.

De forma breve foi exposto, um pouco das memórias da comunidade Vidal Martins, memórias que constroem a sua história. Além da história infelizmente, essas memórias reafirmam períodos dolorosos para os Vidal, desde o fato de uma jovem mãe ter que deixar seu filho para servir a outro senhor, até a lembrança de serem retirados de suas terras. A comunidade atualmente passa por um árduo processo que busca a retomada de suas terras. A retomada dessas terras trata-se de uma reparação histórica para os descendentes de Vidal Martins, reparação que se justifica por inúmeras situações desde os anos de escravidão que seus ancestrais viveram, a expulsão da comunidade remanescente durante o período de golpe militar de 1964, além de toda a marginalização que a comunidade sofre por serem descendentes de pessoas que foram escravizadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O restauro das memórias da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins evoca períodos tanto da história local quanto da nacional, neste processo é possível identificar o quanto um lugar de memória como a comunidade é responsável pela produção de conhecimento. Como fonte de informação que estão convertidas em, diversas fontes de informação como documentos bibliográficos e orais.

É observado que através das memórias dos antepassados os remanescentes quilombolas podem se reconhecer, além dos livros de história que nem sempre os retratam de uma forma em que se reconhecem tão pouco que os exaltam, a tradição de narrar memórias transforma os interlocutores em bibliotecas vivas, são os detentores da informação que trazem vestígios históricos que, no caso do quilombo, compõem sua memória e assim constrói a história da comunidade.

Nesse sentido, as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação são capazes argumentar sobre a temática do estudo da memória e informação sem desconfigurá-la, assim ambas as áreas contribuem também para temáticas no âmbito social e racial construindo instrumentos que possam auxiliar os profissionais da informação.

Desta maneira, ao ser registrada a memória do quilombo Vidal Martins, não só os remanescentes terão sua história em um suporte que compreenderá a memória de um grupo caracterizado como um lugar de memória com dados, fatos sobre o quilombo, ou seja, diferentes fontes de informação. Nesse sentido, Florianópolis também terá uma parte de sua história, ainda desconhecida por muitos e há muito tempo silenciada. Vejamos agora a história por outras fontes que não as vitoriosas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quilombo Vidal Martins. Remanescentes Quilombolas. Memória.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. O qual vem possibilitando, por meio de recursos financeiros através das bolsas, a produção da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. São Paulo: KMA, 2018. 132p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. rev. atual. Lisboa: Ed. 70, 2004. 223 p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p. ISBN 8574801513 (broch.).

CAPURRO, Rafael, HJORLAND, Biger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./abr. 2007. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 28 abri. 2020.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia**: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume, 2006. 258 p. (Geografia e adjacências.). ISBN 85-7419-661-4.

FREITAS, Patrícia de. Algumas pistas sobre o negro no período colonial através da documentação do arquivo público do estado de Santa Catarina. **Ágora**, v. 16, n. 33-34, p. 58, 2001. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13673>. Acesso em: 20 maio 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, H.F.; NOVO, H.F. (Orgs.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017

HALBAWCHS. Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Boges. 7ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em:  
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 02 jun. 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91931>. Acesso em: 20 maio 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopez de. Formas africanas de lidar com o passado: oralidade, mitos, ritos, tradições. In: MORTARI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: Udesc, 2015. Cap. 2. p. 46-58.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 509p ISBN 8571645965 (broch.).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et.al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em:  
<https://mega.nz/folder/Jx13iT6S#Uq2rP8RZTOOnPceP89LdwA>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SANTOS, Bruno Almeida dos; LUBISCO, Nídia. A Informação e Seu Caráter Social. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (org.). **Bibliotecári@s Negr@s**: informação, educação, empoderamento e mediações. informação, educação, empoderamento e mediações. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 359-372. Disponível em:  
<https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 07 jun. 2020.